

Revolução Mundial?

Prof. JORGE BOAVENTURA

De há muito que, pelos quadrantes do mundo sopram, cada vez mais violentamente, os ventos daquilo que tantos chamam de "Revolução". No bojo desse vendaval acotovelam-se representantes das mais variadas atividades e das mais diferentes qualificações quanto a crenças e ideologias. Assim, compondo a multidão ululante e iconoclasta, podemos encontrar teorizadores políticos, filósofos idealistas e materialistas-dialéticos ou não — romancistas, teatrólogos, cineastas, poetas, jornalistas, artistas plásticos, teólogos, atores, sacerdotes de diferentes confissões religiosas, ativistas políticos, compositores, cantores, burgueses bem instalados na vida, parlamentares, humanistas, todos a auto-rotularam-se, implícita ou explicitamente, de "progressistas", e a rotularem-nos a nós outros, que ousamos suscitar algumas dúvidas ou a opor certas ponderações, de "conservadores", "superados", "antiquados" ou "reacionários". E há, sem dúvida, duas coisas que, desde logo, merecem a nossa atenção e a sua atenção, leitor: de um lado, a ingenuidade, que chega a ser fatástica, com que muitos dos que não compõem o furacão "renovador", aceitam o rótulo de "conservadores" como se, em um mundo vivo, dinâmico e objetivamente em transformação, alguém pudesse, em sã consciência, pretender manter-se imóvel. Não se dão conta, os ingênuos, de que no rumo do progresso, há muitos caminhos para serem trilhados — não só e exclusivamente o que envereda pela destruição impiedosa e sem alternativa provavelmente válida, dos valores que embasaram a civilização ocidental. E de que, dentre aqueles caminhos,

muitos podem partir de valores, estes sim, provavelmente fecundos e criativos da civilização cristã. E dizemos que provavelmente criativos porque foi, incontestavelmente, a partir deles, que a humanidade conheceu a mais portentosa civilização jamais registrada pela História. E tal constatação, caro leitor, não é de caráter opinativo, mas representa indiscutível matéria de fato.

O segundo dado que, desde logo, nos chama a atenção, está representado pela circunstância de, não obstante os variados matizes e convicções ou tendências confessadas dos agentes da tal "Revolução", todos revelam a presença de um denominador comum entre eles ao aceitarem, sem exceção, prazerosamente, o tótulo de "progressistas".

Consideradas as diferentes fontes de inspiração em que se abeberam, algumas até ao menos explicitamente, não apenas diferentes, mas mesmo antagônicas — como é o caso de certos religiosos "progressistas" e de comunistas ou socialistas, convictos do materialismo dialético — algo haverá de explicar a presença de tão heterogêneo amálgama, constituindo uma só confraria: a confraria dos supostos proprietários exclusivos do futuro, por mais diferentes que possam ser os seus objetivos no mesmo, arautos peregrinos de um mais do que suspeito "progresso". E tal denominador, caro leitor, em nossa opinião, não é outra coisa senão, precisamente, o afã em que todos se acham empenhados, *não propriamente em construir algo* mas, ao menos até aqui, *em destruir algo*. E esse algo que tentam destruir, conscientemente ou não, é a civilização a que pertencemos.

Por isso investem contra ela. Por isso semeiam a enlouquecedora confusão em que vai mergulhando o Ocidente, no qual, até os valores estéticos se embaralham, na promoção de tudo que é produzido no campo artístico, que possa everter, subverter, confundir a sensibilidade do público, perplexo e atordoado diante da catadupa de monstros que lhe são apresentados como obras de arte; ou chocado com a insistência na apresentação de tudo que possa representar a animalização mais crua e mais brutal dos instintos. A longa e diffi-

cil luta pela disciplina dos mesmos, condutora das delicadezas que tornam agradável o convívio entre as criaturas no seio da civilização e todo o produto sublimado daquela disciplina, em expressões sutis e refinadas de criação intelectual e artística, são mantidos sob a agressão de um mar de pornografia e de licenciosidade, que a famosa "new left", ala promovida e atuante da intelectualidade norte-americana, tenta racionalizar e justificar sob o manto do que chama de "permissividade". Isso nos EUA, guardião e baluarte da civilização cristã... Entre nós, dedicam-se ao mesmo trabalho os comunistas militantes, os burgueses "blasés" e distraídos e todos os que anseiam pela promoção que a experimentada malícia dos primeiros e a rombuda estupidez dos segundos sempre e prontamente propiciam aos que querem aparecer e prosperar rapidamente, sob os rótulos de "intelectual progressista" ou "artista de vanguarda". Trata-se, pois, de algo que reedita, em escala gigantesca, a velha história do traje novo do rei. Por via das dúvidas e para maior clareza, não obstante seja uma história antiga, permitir-nos-emos resumi-la em seguida: "Era uma vez um rei, muito ingênuo e muito vaidoso, que recebeu a visita de dois espertalhões, os quais se diziam habilíssimos alfaiates; tão hábeis e extraordinários que teciam o tecido para a confecção dos trajes que elaboravam, e o faziam com tal sutileza, inteligência e gosto superiores, que somente as pessoas finas e intelectuais conseguiam enxergar o tecido e as roupas dele feitas. A única condicionante para a elaboração de tal maravilha consistia na exigência do fornecimento de fios de ouro, os únicos adequados à prática de tão sublime arte.

"Ouvindo a história, o rei, ingênuo e vaidoso, imediatamente encomendou um novo traje para desfilar com ele na grande festa do seu reino, a realizar-se dali a poucos dias, mandando, naturalmente, fornecer aos espertalhões o ouro que eles, na verdade, com exclusividade, desejavam. E a notícia espalhou-se pelo reino, despertando as atenções de todos. Durante as provas da sua nova roupa, o rei se defrontava com os meliantes que, de mãos vazias, lhe diziam coisas assim: Veja V. Majestade, a sutil delicadeza do tecido do

seu manto, e a sublimada beleza dos motivos que o seu desenho apresenta! E Sua Majestade, sem ver coisa alguma, mas sem querer passar por estúpido ou inculto, concordava em que tudo estava uma maravilha e ordenava o fornecimento das novas quantidades de fios de ouro que os velhacos exigiam para a continuação do "trabalho". Finalmente, chegado o dia do grande desfile, a multidão se comprimia nas calçadas para vê-lo e, sobretudo, para ver a maravilha do novo traje real. E foi dentro dessa expectativa da multidão que a folhas tantas o rei surgiu sob o seu pálio... em cuecas. Claro que todos perceberam que o rei estava em trajes menores, mas como ninguém queria passar por estúpido ou por inculto, eram de ver-se as expressões como: Que maravilha! Como é belo, embora complexo e sutil, o novo traje de Sua Majestade! E assim por diante, pois todos queriam a condição de... "intelectuais", de "progressistas", de "pessoas de vanguarda". E a mistificação só foi desfeita quando uma criança, do colo de sua mãe, e em sua pureza que não reivindicava os rótulos de "intelectual", de "progressista" ou de "vanguardeiro", exclamou: "Chi! o rei está de cuecas!"

Essa pequena história, caro leitor, nós nos atrevemos a contar-lhe, ocupando o seu tempo e a sua benevolência, por nos parecer que nos dias que correm, no grande desfile da História, de que somos todos partícipes, queiramos ou não, o rei e a multidão que assistia ao cortejo simbolizam, respectivamente, a burguesia "blasé" e as massas aturdidas que, hoje, para não passarem por estúpidas, ou melhor, por "reacionárias" ou "quadradas", permanecem paralisadas, diante da audácia petulante dos novos "alfaiates" representados, ao menos em grande parte, pelos comunistas e seus aliados de variado matiz. O ouro constituído pelo nosso acervo cultural, os tesouros acumulados a partir dos valores, e os próprios valores que embasaram a nossa civilização e que permitiram o seu desenvolvimento até aqui — é necessário que se proclame — estão longe de ter esgotada a sua potencialidade. O que ocorre é que estão sofrendo o ataque coordenado de todos quantos, em troca do rótulo de "progressistas", salário que lhes é pago pela sinistra maquinação dos inimigos do

Ocidente, tentam fazer jus a tal salário, pelo arrombamento do barco em que, entretanto, navegam também. E o pior é que, juntos com eles soçobrarão os que, compondo uma imensa e esmagadora maioria, sentem que há algo errado, que qualquer coisa ameaçadora paira no ar mas, confundidos pela atoarda dos serviçais "progressistas" da Grande Mistificação, permanecem estáticos e inoperantes diante do problema. Tanto mais quanto suas vozes, caso levantadas, seriam imediatamente abafadas sob os apodos de "reacionário", "conservador", "ultrapassado", etc.

São os componentes da famosa "maioria silenciosa", que efetivamente existe. A maioria que trabalha e produz, composta de pessoas de boa-fé, sejam elas trabalhadores dinâmicos e produtivos, empresários audazes e brilhantes, artistas e intelectuais de talento não negociável, que vêem em suas consciências mais um tribunal do que um balcão.

É a multidão através de cujos componentes, ainda que muitas vezes inconscientes do fato, continua a revelar-se a tremenda potencialidade dos ideais cristãos, de colaboração pacífica, de otimismo confiante, de solidariedade desinteressada, enfim, da disposição que se espalhou pelos quadrantes da Terra, a partir da mensagem suave do rabi, filho de um carpinteiro, que, há dois mil anos, veio ao mundo na pequenina e distante Belém de Efrata. Os ideais que Ele semeou estão presentes no amor que se revela, mesmo que às vezes não explicitamente, através da ação das mentes sadias e dos corações desarmados. As paixões desenfreadas, os impulsos iconoclastas, as atitudes sem humildade e cheias de agressividade e empáfia, elas sim são reacionárias, pois compõem a revivescência da face do ódio e da brutalidade, imperantes nas épocas pretéritas, que precederam a Suave Mensagem, anunciada há quase dois mil anos. Não importa que os pregoeiros de tais paixões queiram impingi-las, no bojo da Grande Mistificação que encenam, como sintomas de um processo histórico, supostamente natural e inevitável, que denominam de "a Revolução".

Em seguida, amigo leitor, tentaremos demonstrar que, de fato, o tal "processo histórico natural e inevitável", tal "Revolução", felizmente não passa de perigosa e trágica mistificação.

Algumas provas da mistificação

Já pelo título acima, o leitor entenderá que, dentro dos limites de um artigo, não podem caber todos os argumentos que servem à prova da mistificação que estamos tentando denunciar. Por isso, desde logo se impõe distinguir, no bojo da mesma, os principais elementos propulsores, descartando os menos característicos e os de menor importância. Assim, desprezaremos, desde logo, os elementos de corrupção intrínsecos à nossa própria sociedade e decorrentes da natureza dual e falível do Homem, na qual coexistem, sempre e necessariamente, elementos positivos e negativos, o Bem e o Mal. Nessa categoria estão todos os erros, injustiças e distorções com respeito aos valores fundamentais de nossa cultura, não claramente produzidos, ainda que, freqüentemente, estimulados ou agravados, pelas forças e pelos agentes do que estamos denominando de Grande Mistificação. Ocupar-nos-emos, então, apenas das ações produzidas por tais agentes, por intenção plenamente consciente ou por equívoco e, ainda assim, descartando as de influência visivelmente limitada. É o caso, por exemplo, das tentativas de racionalização de tendências regressivas a uma crua bestialidade, divulgadas através do pensamento dissolvente de Marcuse. É o caso, ainda, do pensamento pseudocientífico de Teilhard de Chardin, elaborado, complexo, talvez mesmo majestoso e poético, que tanto impacto causou em alguns poucos ambientes científicos e, especialmente, em certos meios religiosos.

Não obstante, em que pesem a sua elaboração e aparente grandiosidade, o pensamento de Teilhard de Chardin (*) começa por pecar, quando analisado em profundi-

(*) Pierre Teilhard de Chardin — (1881 — 1955).

Sacerdote jesuíta de nacionalidade francesa. Paleontologista, filósofo e teólogo, teve divulgadas, após sua morte, as seguintes obras: "Le Phénomène Humain"

dade, pela ausência de originalidade. De fato, a filosofia por ele elaborada se funda inteiramente, como a de Bergson, na admissão de um postulado evolucionista inicial. A diferença em relação ao pensamento bergsoniano consiste na admissão de que a força evolutiva teria caráter universal, atuando sobre todas as coisas, das partículas elementares às galáxias. Não existiria, assim, nenhuma matéria inerte, não existindo, portanto, em essência, distinção alguma entre matéria e vida. Pode ser percebida nitidamente, já aí, a subjetividade da posição, claramente animista, de Teilhard de Chardin, o qual, entretanto, quis dar caráter científico e supostamente objetivo ao seu sistema. Daí a necessidade de conceber de maneira peculiar a energia que, segundo ele, distribuir-se-ia segundo dois vetores, um dos quais seria a energia comum, tal como a concebemos, e o outro corresponderia a uma certa "força evolutiva de ascensão". Por essa forma, a biosfera em geral e o Homem em particular seriam o resultado do estágio atual de ascensão ao longo do "vetor espiritual da energia".

Tal ascensão, ainda segundo Teilhard, deverá prosseguir até que toda a energia esteja concentrada segundo aquele vetor, quando, então, estaria alcançado o que ele chamou de "ponto ômega".

É possível perceber, através do resumo acima do pensamento de Teilhard de Chardin, que, basicamente, ele representa um esforço por introduzir a posição animista através de uma concepção universal, em acordo com a qual a evolução, da biosfera, até ao Homem, integrar-se-ia, sem diferenciação, no processo evolutivo do Cosmos em geral. Essa concepção, positivamente, não é original. Nós podemos encontrá-la, nítida e insofismavelmente, no cerne do positivismo spenceriano e

— 1955: *L'Aparition de l'Homme* — 1956: "La Vision du Pané" — 1957: "Le Milieu Divin" — 1957: *L'Avenir de l'Homme* — 1959: *L'Energie Humaine* — 1962: "L'Activation de l'Energie Humaine" — 1963.

Ao contrário do que muitos supõem, dada a condição clerical do autor, a obra de Teilhard de Chardin não exprime o pensamento de Roma que, até agora, por nenhuma forma, comentou as hipóteses por ele levantadas.

no âmago mesmo do materialismo dialético de Marx e Engels (*) — e isto para falar, somente, no pensamento filosófico do Ocidente.

Daí, da sua complexidade e das similitudes acima apontadas, as confusões causadas pelo pensamento de Teilhard de Chardin, em certos meos “intelectuais” e religiosos, menos amigos das atividades intelectuais do que seria de desejar-se.

Parece-nos razoável concluir, pois, que tal pensamento, do ponto de vista filosófico, não tem originalidade e, do ponto de vista científico, não apresenta qualquer consistência.

Vejamos agora, então, o que nos parece, sem sombra de dúvida, ser o principal elemento propulsor, ao menos o principal elemento propulsor ostensivo e explícito, do que consideramos seja a Grande Mistificação, a trágica impostura do nosso tempo. Estamos nos referindo ao comunismo materialista e ateu, também supostamente “científico”, fundado no famoso materialismo dialético de Marx e Engels.

Não poderemos, ainda neste particular pretender expor todos os argumentos, definitivamente válidos, que podem ser levantados contra ele. Assim, por agora, tentaremos limitar-nos a algumas considerações que, entretanto, nos parecem suficientes para entremostrarmos a trágica farsa em que se constitui aquele elemento suscitador de tantas e tão fanáticas dedicações supersticiosas, sobretudo no seio da juventude.

Enfrentemos, em primeiro lugar, o próprio fulcro da questão, consistente na pretensão da ideologia marxista de possuir caráter científico.

(*) Friedrich Engels

Filósofo alemão nascido em 1820 e falecido em 1895. Foi o principal colaborador de Marx na elaboração do Materialismo Dialético. Pode dizer-se, mesmo, que tal elaboração foi realizada a quatro mãos, embora o próprio Engels haja escrito que, em tudo que representou criação, todo o mérito deve ser atribuído a Marx. Com este, escreveu o famoso “Manifesto Comunista”, aparecido em 1848. Deixou várias obras, entre as quais: “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”; “Anti-Dühring”; “Dialética da Natureza” e “O Fim da Filosofia Clássica Alemã”.

Não deve ser confundido com o gigante do idealismo alemão, Hegel, do qual ele e Marx, embora invertendo-a, aproveitaram a concepção dialética.

Essa pretensão é a causa de tantos fanatismos e da empáfia intelectual dos sectários dessa nova superstição, que a todos os demais consideram alienados.

É bem sabido que a dialética marxista, ela mesma, é o resultado da inversão da dialética hegeliana. Realmente, a prova do afirmado, se fosse necessária alguma prova, poderia ser encontrada nos próprios Marx e Engels.

De fato, em sua obra "O CAPITAL", Marx afirma: ... "O meu método dialético não é apenas diferente do método dialético de Hegel mas representa, exatamente, o seu contrário. Para Hegel, é o processo mental o criador do real e este é só uma manifestação externa da Idéia. Para mim, pelo contrário, o ideal não é outra coisa senão o material transportado para dentro da cabeça humana". De maneira ainda mais clara, podemos ler de Engels, em sua obra "LUDWIG FEUERBACH", a seguinte e categórica afirmação: ... "Agora, colocamos os conceitos dentro da nossa cabeça, em forma materialista, como imagens de coisas reais, em vez de ver as coisas como imagens deste ou daquele estágio de desenvolvimento do conceito absoluto... Deste modo, a dialética do conceito converte-se, simplesmente, em um reflexo consciente do movimento dialético do próprio mundo e a dialética de Hegel é colocada direita, ou melhor, volta-se-lhe a cabeça para os pés".

Permita-nos o leitor, agora, lembrar que a dialética hegeliana partia da admissão de uma Idéia Absoluta, como única realidade verdadeira e permanente, e que em sua Filosofia da Natureza, considerava Hegel o Universo como sendo uma exteriorização dessa Idéia, não representando a evolução do mundo, tanto na Natureza quanto na História, senão o reflexo da sua atividade. E é perfeitamente compreensível para quem aceite, como ponto de partida, que a única realidade permanente é a Idéia, não sendo tudo o mais senão uma sua exteriorização, que as leis gerais que governam o Universo podem e devem ser buscadas, subjetivamente, na identificação das leis que regem a atividade daquela Idéia. Tais leis são dialéticas, logo, as leis que regem o Universo teriam que

ser dialéticas, eis que o Universo não é outra coisa senão o resultado da exteriorização da Idéia Absoluta, que procede dialeticamente desde o princípio, ao autodeterminar-se nas "categorias", a começar da primeira e mais geral, o "ser" puro, a partir da qual, procedendo por negação, o "não ser", alcança a primeira síntese, o "devenir". Até aí, muito bem porque, repetimos, Hegel parte da admissão da existência, como única realidade permanente, do que chamou de Idéia Absoluta.

Entretanto, como justificar a famosa inversão da dialética hegeliana, operada pelos "socialistas científicos" Marx e Engels? Hegel postulou a existência do Conceito Absoluto, postulou que o Universo não era mais do que a sua exteriorização e, ao identificar como sendo de natureza dialética as leis que regem a dinâmica do pensamento, concluiu com muita lógica que as leis que regem a dinâmica do Universo, exteriorização daquele pensamento, seriam também dialéticas.

O que fizeram, então, os nossos inefáveis "cientistas" Marx e Engels interessados, não em Ciência, mas na tremenda dinâmica da concepção dialética, na qual vislumbravam a ferramenta de que tinham necessidade para realizar os seus ímpetos revolucionários tão bem revelados pelas conhecidas expressões de Marx: "a Filosofia, até hoje, tem se limitado a explicar o Universo. Precisamos, agora, fazê-la transformar o Universo"? Conservaram, tais e quais, as leis subjetivas, exatamente como conhecidas por Hegel, porém pespegaram-nas em um Universo que, para eles, era exclusivamente material. Com isso, queiram ou não os fanáticos do marxismo, limitaram-se a fazer uma projeção animista escandalosamente clara, sem qualquer compromisso sério com os atributos da atitude científica, a começar pelo postulado da objetividade.

Sobre tal "geringonça", conceberam a sua famosa "lei dos contrários", por sua vez alicerce indiscutível da teoria da luta de classes como motor necessário das transformações sociais, base do outro "bicho-papão", que os comunistas cos-

tumam brandir com desenvoltura surpreendente e chamado Materialismo Histórico.

Leitor amigo, por agora e para terminar, diremos apenas que, já no plano teórico, e pela sua origem totalmente arbitrária, carece a tal "lei dos contrários", de qualquer idoneidade científica. No plano objetivo das pesquisas, muitos resultados já mostraram, de forma irrecusável, fatos absolutamente inconciliáveis com a referida "lei". Dentre eles, por exemplo, o representado pela teoria dos genes como determinantes invariáveis através das gerações e, inclusive, através das hibridizações. Por outro lado, o princípio da identidade rejeitado, *et por cause*, pelos materialistas dialéticos, modernamente já não pode, sequer, ser encarado como mera regra prática para o espírito, mas encontra expressão objetiva em um dos postulados fundamentais da Física moderna, consistente na afirmação da *identidade absoluta* entre dois átomos que se encontrem no mesmo estado quântico. Para terminar por agora, diríamos que o estudo do código genético mostra hoje, irrecusavelmente, que a "informação", nesse código, tem um só sentido, não sendo observada nem concebível a transmissão da informação no sentido inverso.

As células, pois, são máquinas no claro sentido cartesiano, para surpresa e escândalo dos materialistas dialéticos que tomaram conhecimento do fato.

Tal é, caro leitor, a qualidade do facho com que têm tentado desencaminhar os nossos jovens, confundir e embaralhar o aperfeiçoamento e o progresso mundial, derramando tanto sangue! Revolução Mundial?

Será justo, permaneceremos calados?